

TECENDO CAMINHOS METODOLÓGICOS: FUNDAMENTOS DE UMA PESQUISA INTERCULTURAL NO SUL DO AMAZONAS

WEAVING METHODOLOGICAL PATHS: FUNDAMENTALS OF INTERCULTURAL RESEARCH IN THE SOUTHERN AMAZONAS

Autor 1 Rosa Maria Siqueira de Carvalho Rodrigues, e-mail: rosaametistaufpa@gmail.com

Autor 2 Iana Keila Lima dos Santos, e-mail: ianakeiladuarte@gmail.com

Autor 3 Marta Genú Soares, e-mail: martagenu@uepa.br

Resumo: O presente trabalho examina as bases teórico-metodológicas de uma investigação focada na formação docente em cenários interculturais no Sul do Amazonas. O foco central é detalhar um itinerário metodológico de cunho qualitativo-crítico que integre epistemologia e prática de campo. Para isso, a pesquisa estabelece um diálogo entre o materialismo cultural, a pedagogia de Paulo Freire e a interculturalidade crítica, lendo o fazer docente como uma manifestação cultural enraizada no território. A estratégia metodológica envolveu análise documental, entrevistas narrativas e o registro em diário de campo, priorizando uma escuta sensível às vozes e territórios locais. Os resultados apontam que investigar na Amazônia exige métodos que respeitem a complexidade regional e os saberes tradicionais. Conclui-se que o desenho metodológico reafirma o caráter político e ético do pesquisador diante da educação.

Palavras-chave: Formação de professores. Interculturalidade crítica e Materialismo cultural

Abstract: The present work examines the theoretical-methodological bases of an investigation focused on teacher training in intercultural scenarios in the south of Amazonas. The central focus is to detail a methodological itinerary of a qualitative-critical nature that integrates epistemology and field practice. To this end, the research establishes a dialogue between cultural materialism, Paulo Freire's pedagogy and critical interculturality, reading teaching as a cultural manifestation rooted in the territory. The methodological strategy involved documentary analysis, narrative interviews and field

diary recording, prioritizing sensitive listening to local voices and territories. The results indicate that investigating in the Amazon requires methods that respect regional complexity and traditional knowledge. It is concluded that the methodological design reaffirms the political and ethical character of the researcher in relation to education.

Keywords: teacher training; critical interculturality and cultural materialism

INTRODUÇÃO

Este texto nasce das experiências vividas como doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA), particularmente no contexto da disciplina Estudos Metodológicos Instrumentais. Esse percurso formativo possibilitou não apenas o aprofundamento dos debates sobre os fundamentos e caminhos metodológicos da pesquisa em educação, mas também contribuiu significativamente para o amadurecimento da estrutura metodológica da pesquisa que venho construindo. Essa investigação tem origem em inquietações forjadas na prática cotidiana como professora no município de Manicoré, onde a escuta atenta dos sujeitos e das condições concretas da universidade pública amazônica alimenta minha postura investigativa.

Esse território, que me constitui como educadora e pesquisadora, abriga um tecido denso de saberes plurais, memórias compartilhadas e práticas culturais que convivem, em constante tensionamento, com marcas persistentes de desigualdade e com ausências estruturais no que se refere às políticas educacionais voltadas à região. É nesse chão que brota a pergunta investigativa,



enraizada em vivências que desafiam qualquer neutralidade e que convocam um compromisso ético com os sujeitos da floresta. Diante desse cenário, a formação de professores assume papel estratégico na compreensão das disputas por sentido que permeiam os processos pedagógicos. Ao levarmos tal panorama, se tornou essencial conceber um desenho metodológico capaz de dialogar com a complexidade dos territórios, reconhecendo as marcas culturais que atravessam a docência na região.

Assim, foi no espaço proposto pela disciplina que pude analisar minhas escolhas epistemológicas, explorar a densidade da abordagem qualitativa e repensar os vínculos entre teoria, método e contexto. As contribuições de autores como John W. Creswell (2010), Ana Luiza Coiro Moraes (2016), Silvio Gamboa (1998) e Heraldo Vianna (2003) me possibilitaram ampliar a compreensão de pesquisa como prática situada, implicada nas realidades que investiga, e comprometida com a transformação social. A partir desse aprofundamento teórico, venho redesenhando o caminho investigativo de minha pesquisa em andamento.

A organização do presente artigo se dá em quatro movimentos articulados. O primeiro examina os pilares teóricos que alicerçam a pesquisa em curso embasados no pensamento de Paulo Freire (1987), cuja perspectiva dialógica e libertadora fundamenta a concepção de formação docente, as proposições de Catherine Walsh (2008) sobre interculturalidade crítica, que deslocam as

lógicas coloniais do saber e ampliam o campo das epistemologias insurgentes, e o materialismo cultural de Raymond Williams (2003), que orienta o olhar para as práticas pedagógicas enquanto expressões culturais historicamente situadas e em constante disputa por significação.

No segundo momento o texto apresenta as opções metodológicas que dão sustentação a pesquisa em desenvolvimento, defendendo uma abordagem qualitativa com ênfase interpretativa e crítica, ao destacar as várias camadas de sentidos que emergem das práticas docentes em contextos pluriculturais. Em seguida, no terceiro momento, são detalhados os procedimentos para construção do corpus empírico a partir da análise documental de componentes curriculares, planos de ensino e diretrizes dos cursos de licenciatura da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) em Manicoré, além da realização de entrevistas narrativas com educadores que atuam nos processos de formação inicial e continuada.

A análise desse material será conduzida a partir de uma escuta atenta, que privilegia o contexto, respeita as vozes dos sujeitos e busca identificar as formas como os saberes interculturais se constroem, circulam, resistem ou são silenciados nas instâncias institucionais. Em tempos em que a produção de conhecimento ainda carrega marcas coloniais, pensar metodologias que dialoguem com os territórios, que reconheçam os saberes locais e que escutem os sujeitos na inteireza de suas vivências é uma tarefa que exige sensibilidade, rigor e abertura para o inédito. Este artigo é, pois, parte



desse movimento, ao se configurar como um caminho em construção, tecido entre materialidades culturais e práticas docentes no sul do Amazonas.

Nesse sentido, se faz necessário a busca constante por desenvolver um percurso metodológico que vise à complexidade presente no texto como uma condição para a realização da pesquisa. Como afirma Creswell (2010, p. 47) “a pesquisa qualitativa é um meio de explorar e compreender o significado que indivíduos ou grupos atribuem a um problema humano ou social”. É nessa direção que o presente trabalho se alinha à escuta dos sentidos produzidos nas práticas docentes, em sua densidade cultural, política e histórica.

Durante a disciplina Estudos Metodológicos Instrumentais, as contribuições teóricas de Coiro Moraes (2016, p. 27) ampliaram a noção de metodologia como um “modo de estar no mundo” do pesquisador, que se compromete com os sujeitos e com os territórios investigados. Essa perspectiva, ao invés de isolar o pesquisador da realidade, o convoca a comprometer-se ética e politicamente com os processos de produção de conhecimento. De maneira convergente, Gamboa (1998) argumenta que a metodologia qualitativa crítica exige “um esforço constante de diálogo entre teoria e prática, entre sujeito e objeto, entre o pesquisador e o campo” (Gamboa 1998, p. 93).

Esse diálogo entre teoria e realidade também é aprofundado por Vianna (2003), ao afirmar que “o pesquisador deve compreender-se como alguém que participa das relações que estuda,

sendo atravessado por elas” (Vianna 2003, p.21). O autor propõe uma “pesquisa-com”, em oposição à “pesquisa-sobre”, ressaltando o envolvimento ativo do pesquisador com os sujeitos e contextos. Nesse sentido, a pesquisa em andamento em Manicoré não se pretende neutra, mas sim comprometida com a transformação das realidades que a atravessa.

Dessa maneira, os estudos teóricos amplamente discutidos na disciplina Estudos Metodológicos Instrumentais, contribuíram para o percurso metodológico da pesquisa em desenvolvimento, a qual está ancorada em três pilares fundamentais. Em primeiro lugar, na pedagogia freireana, que compreende a formação docente como processo dialógico, emancipador e ético. Nas palavras de Freire (1987, p. 45), “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, o que implica reconhecer as vozes que historicamente foram silenciadas.

Em segundo lugar, nas contribuições de Walsh (2008), cuja noção de *interculturalidade crítica* desestabiliza as lógicas monoculturais e propõe uma abertura para as epistemologias insurgentes dos povos racializados, indígenas e periféricos. De acordo com a autora, trata-se de “construir outros sentidos de mundo, a partir das próprias histórias, linguagens e práticas dos sujeitos subalternizados” (Walsh 2008, p. 25). Em um terceiro momento apresenta-se o materialismo cultural de Williams (2003) que volta o olhar para as práticas pedagógicas enquanto expressões culturais em disputa, considerando que “a cultura é ordinária”, ou seja,

faz parte da vida cotidiana e é um campo de lutas por significação.

Esse arcabouço teórico pautado nesses autores oferece subsídios para que a pesquisa doutoral em construção não se limite à descrição de práticas, mas busque compreendê-las em sua dimensão histórica, simbólica e política. Ao conjugar Freire, (1997) Walsh (2008) e Williams (2003), pretende-se construir um caminho metodológico que seja, ao mesmo tempo, sensível às realidades locais e crítico diante das estruturas de poder que produzem desigualdades e silenciamentos na formação de professores na Amazônia. Para tanto pautamos nossa escrita em um gesto de escuta do território, das vozes que emergem das margens dos rios e dos saberes que resistem nos interiores da floresta. Escuta, também, de mim mesma, na travessia metodológica que me transforma em sujeito ativo de um processo de conhecimento que se faz em relação, em diálogo e em movimento.

Por fim, este artigo se coloca como um exercício de encadeamento entre o vivido, o pensado e o sistematizado. Ele se constrói como um gesto metodológico situado, marcado pelo compromisso ético-político de pensar a pesquisa como prática transformadora e pela necessidade de desenvolver instrumentos que estejam em consonância com as complexidades dos contextos amazônicos.

CAMINHOS METODOLÓGICOS EM CONSTRUÇÃO

A tessitura metodológica da investigação doutoral que se encontra em desenvolvimento, está

sendo construída a partir do entrelaçamento entre as vivências nos territórios amazônicos e os diálogos teóricos aprofundados durante a disciplina Estudos Metodológicos Instrumentais. O contato direto com os contextos formativos em Manicoré, no Sul do estado do Amazonas, aliado a uma leitura atenta e crítica das principais contribuições metodológicas contemporâneas, levou à ressignificação do lugar da pesquisa em curso. A partir de uma nova compreensão, a investigação passou a se distanciar de uma concepção técnica e neutra para se configurar como prática situada, ética e comprometida, com base na escuta das experiências e das vozes que compõem o território estudado.

A opção por uma abordagem qualitativa de caráter interpretativo e crítico decorre da percepção de que as práticas pedagógicas desenvolvidas em realidades marcadas pela diversidade cultural, como é o caso do sul do Amazonas, apontam para realidades que são atravessadas por múltiplos sentidos, nem sempre evidentes, e carregam em si disputas simbólicas, memórias coletivas e tensões estruturais. Creswell (2010, p. 186) nos lembra que a investigação qualitativa se desenvolve como um processo dinâmico, que “não pode ser rigidamente pré-estabelecido”, uma vez que depende da constante interlocução entre pesquisador, campo e sujeitos envolvidos. Nessa perspectiva, o método se configura menos como um conjunto de etapas fixas e mais como um exercício atento de escuta e interpretação, que se abre ao imprevisto e ao contraditório.

Contribuindo com essa reflexão, Coiro Moraes (2016) propõe que a pesquisa qualitativa se enraíza em um olhar sensível e comprometido com os aspectos históricos, culturais e sociais que moldam os territórios investigados, ou seja, é estar disponível para reconhecer as marcas que o campo imprime no pesquisador e para acolher as complexidades que os contextos revelam. A metodologia, nesse sentido, passa a ser compreendida como processo relacional e situado, orientado por princípios ético-políticos e sustentado por escutas que ultrapassam os limites da observação convencional.

Para a referida autora “a pesquisa se constitui na articulação entre teoria e prática, como exercício de pensar o real a partir da escuta de seus sujeitos e da vivência nos territórios” (Coiro Moraes 2016, p. 92), ou seja, essa escuta ativa implica um compromisso ético que vai além da coleta de dados, pois exige uma postura de abertura ao inédito e uma disposição constante ao diálogo e à revisão de pressupostos.

Nessa mesma direção, Gamboa (1998) propõe uma abordagem metodológica marcada pelo rigor e pela implicação do pesquisador. Para ele, pesquisar exige “um engajamento ético e político com os sujeitos da investigação”, recusando qualquer pretensão de neutralidade. A escolha metodológica, nesse sentido, torna-se um ato político, pois define não apenas os instrumentos utilizados, mas também os modos de escutar, de narrar e de interpretar as realidades que se investigam.

Outro autor que também enfatiza essa dimensão relacional da pesquisa, defendendo a ideia de que todo processo investigativo implica um “estar-com” ao invés de olhar o outro de fora, na qual o pesquisador precisa assumir uma postura dialógica e partilhada, é Vianna (2003, p.34) quando ressalta que “é preciso que o pesquisador se reconheça como parte do processo, implicado nas relações que constrói e nos sentidos que produz”. Esse reconhecimento ético do lugar do pesquisador é fundamental para a proposta metodológica aqui apresentada.

Assim, a metodologia adotada na investigação busca acolher a complexidade do contexto amazônico sem reduzi-lo a categorias analíticas pré-fabricadas. Ao contrário, pretende-se construir uma escuta que se faz a partir da análise das narrativas dos professores, nos rastros deixados nos documentos institucionais, nos gestos de resistência cotidiana. A escuta aqui mencionada é compreendida como gesto metodológico, conforme as orientações de Walsh (2008), que propõe uma atitude de atenção às vozes subalternizadas e aos saberes não hegemônicos que circulam nas margens dos discursos oficiais.

Nesse sentido, a abordagem metodológica transcende a aplicação de técnicas de campo, apresentando-se como uma postura investigativa. Ela exige, como ensina Coiro Moraes (2016), uma sensibilidade capaz de reconhecer as tramas culturais e políticas que configuram as práticas docentes em Manicoré, compreendendo que essas práticas são atravessadas por múltiplas

determinações e sentidos. Mais do que revelar dados, trata-se de construir sentidos com os sujeitos da pesquisa, em um processo compartilhado de leitura do mundo e de transformação da realidade.

METODOLOGIA QUALITATIVA FREIREANA: ESCUTA, DIÁLOGO E COMPROMISSO ÉTICO COM O TERRITÓRIO

Optar por uma abordagem qualitativa não se reduz à seleção de um método, mas traduz uma postura diante do conhecimento e das relações que se constroem no processo investigativo. Essa escolha se ancora em uma visão de pesquisa que rompe com a neutralidade e que se constrói em diálogo com os sujeitos e os territórios, reconhecendo-os como centrais na produção de saberes. Tal perspectiva metodológica encontra ressonância no pensamento de Paulo Freire, para quem pesquisar é um ato ético e político, profundamente enraizado na realidade daqueles que vivenciam os problemas investigados.

A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática, sem a qual a teoria pode virar verbosidade e a prática, ativismo. [...] A pesquisa, como momento de produção do conhecimento, deve nascer da prática dos oprimidos e retornar a ela transformada em proposta de libertação (Freire, 1987, p. 40).

No percurso metodológico traçado para a investigação aqui apresentada, a qualidade da escuta se apresenta como eixo estruturante. O conhecimento não é imposto, mas gestado na partilha de experiências, afetos e memórias. A

relação entre quem pesquisa e quem participam do processo investigativo é horizontalizada, possibilitando a construção de sentidos a partir do vivido, em lugar de explicações distanciadas ou meramente descritivas. Nesse horizonte, a escuta se torna um gesto de abertura ao outro e, ao mesmo tempo, um movimento de implicação no campo.

A metodologia qualitativa, quando atravessada pela pedagogia freireana, desloca-se de um mero instrumental para assumir o lugar de um compromisso. Nela, os dados não falam por si, pois se faz necessário escutá-los a partir das contradições e potências que os constituem. Ao invés de classificar ou categorizar, o pesquisador precisa se debruçar sobre os sentidos em disputa, buscando compreender como se constituem as práticas, os saberes e as resistências nos espaços educativos.

Essa abordagem exige uma atitude investigativa atenta às marcas da história, das culturas e das desigualdades que atravessam os sujeitos. A sensibilidade não é aqui um adorno, mas uma condição para o rigor. Por isso, a escuta, mais do que técnica, é uma prática política, visto que implica reconhecer as ausências, os silenciamentos e os modos de existência que desafiam a colonialidade do saber. Ao fazer isso, o pesquisador também se posiciona, revelando seus próprios vínculos com o processo investigativo e se reconhecendo como parte das tramas que analisa.

Não é possível a neutralidade na educação, nem tampouco na pesquisa. O ato de pesquisar envolve necessariamente valores, escolhas, compromissos. Por isso, a pesquisa que parte do



cotidiano, que escuta os saberes das classes populares e que se engaja com seus sonhos e lutas, é uma pesquisa libertadora (Freire, 1987, p. 55).

Essa concepção de pesquisa se coaduna com a investigação que venho realizando, pois, parte do princípio de que teoria e prática não são esferas separadas, mas dimensões que se entrelaçam no movimento de compreender e transformar a realidade. A prática investigativa, portanto, se torna um espaço de reflexão crítica e de ação situada, em que o conhecimento emerge da experiência vivida e é continuamente reelaborado a partir dela. Esse entrelaçamento exige uma disposição ao inacabamento, ao reconhecimento da pesquisa como processo, e não como produto fechado. Nas palavras de Freire: “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses fazeres se encontram um no outro enquanto se explicam, se justificam e se organizam na prática da reflexão e na reflexão da prática” (Freire, 1996, p. 32).

A escuta no percurso metodológico que vem sendo traçado, não se dirige apenas aos enunciados explícitos, mas também ao que se revela nas frestas, nos silêncios, nos gestos e nas narrativas fragmentadas. Compreende-se que os territórios amazônicos, com suas histórias de resistência e ancestralidade, não podem ser interpretados a partir de lentes externas e totalizantes. Ao contrário, é preciso escutar o que brota do chão, o que ressoa nas práticas cotidianas e o que insiste em sobreviver mesmo diante das políticas de apagamento.

Ao incorporar a perspectiva freireana, essa metodologia reconhece que o território é mais do

que paisagem, é lugar de saber, de memória e de produção de sentidos. É nesse contexto que se articula também o diálogo com contribuições como as de Walsh (2009) e Williams (2003), que permitem compreender os territórios e os sujeitos como portadores de práticas culturais que revelam disputas de hegemonia, emergências de sentidos e possibilidades de criação coletiva de mundos.

Uma metodologia decolonial deve ser crítica, insurgente e comprometida com os processos coletivos de luta, resistência e (re)existência. Ela não apenas denuncia as violências epistêmicas, mas constrói espaços outros de escuta, diálogo e produção de sentidos a partir das margens (Walsh, 2009, p. 21).

A escolha por esse caminho metodológico, portanto, não é apenas uma decisão teórica, mas um posicionamento diante das condições em que se produz conhecimento. Trata-se de afirmar que toda pesquisa que se propõe a trabalhar com formação de professores na Amazônia precisa, necessariamente, se implicar com os contextos, reconhecer as vozes historicamente marginalizadas e abrir-se à escuta dos saberes que emergem dos territórios. Esse movimento de implicação, ética e política, não busca respostas fáceis, mas aposta na possibilidade de construção de sentidos outros, guiados pela dignidade, pela memória e pela justiça social.

As mediações culturais e estrutura de sentimento: contribuições de Raymond Williams à perspectiva metodológica. Ao levarmos em consideração os referenciais teóricos estudos na

disciplina Estudos Metodológicos Instrumentais, aqui pontuados, e ao analisarmos o percurso metodológico que estamos a trilhar em nossa pesquisa doutoral, compreendemos que a perspectiva metodológica adotada não se limita a mera definição de instrumentos técnicos, mas se ancora em uma compreensão crítica e processual da cultura, tal como concebida por Williams (2003) ao tratar a cultura como “um modo de vida”, sentida cotidianamente pelos sujeitos em suas relações, práticas e resistências, a qual oferece um referencial potente para compreender as disputas simbólicas que atravessam os processos de formação docente, sobretudo em territórios historicamente marginalizados, como o sul do estado do Amazonas.

No interior dessa concepção de cultura, a proposta investigativa que usamos adota como ferramentas analíticas centrais as categorias de dominante, residual e emergente, formuladas por Williams (2003) para descrever as diferentes temporalidades que coexistem nas práticas sociais.

Em qualquer cultura viva existem elementos dominantes, que expressam e sustentam a ordem social hegemônica; elementos residuais, formados no passado, mas ainda ativos, muitas vezes como alternativas ou resistências; e elementos emergentes, que são novos significados, práticas e relações, ainda não completamente articulados, mas que anunciam possíveis transformações (Williams, 2003, p. 133).

A categoria dominante refere-se aos valores e práticas que se impõem como

hegemônicos e que moldam os currículos, os discursos institucionais e as formas escolares de ensinar e aprender. No caso da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), isso se materializa, por exemplo, na ênfase em modelos pedagógicos generalistas e descontextualizados, que pouco dialogam com as epistemologias dos povos da floresta ou com as realidades pluriculturais vividas em Manicoré.

Contudo, junto a essas estruturas hegemônicas, persistem traços de experiências outras, que se expressam na forma do residual. São práticas, linguagens e valores que, embora subalternizados pelas políticas educacionais oficiais, continuam a viver nas memórias e nos modos de ensinar de muitos docentes locais. Assim, o residual como aponta Williams (2003) não é necessariamente ultrapassado ou arcaico, mas pode conter formas alternativas de vida que, mesmo silenciadas, seguem ativas na experiência social. Por vezes, esses saberes aparecem nas narrativas dos professores em Manicoré, como lembranças de suas formações na beira do rio, nas roças ou nas rezas, elementos que resistem à lógica disciplinar e monocultural que organiza os cursos de licenciatura ofertados pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

A pesquisa também se abre para a escuta do emergente, ou seja, aquilo que ainda não se cristalizou, mas que desponta nos gestos, nos discursos inquietos, nas práticas inovadoras que tensionam o instituído. No cotidiano das formações, isso se manifesta quando educadores, mesmo inseridos em estruturas limitantes, encontram

formas de introduzir conteúdos ligados à história afro-indígena, de valorizar as línguas locais, ou de incorporar experiências comunitárias ao processo de ensino. São pequenas rupturas que indicam uma reconfiguração possível das práticas pedagógicas. O emergente, como categoria, permite à pesquisa captar esses movimentos que anunciam outros modos de ser e educar.

Para acessar tais dinâmicas, o pressuposto teórico de estrutura de sentimento é fundamental. Trata-se, segundo Williams (2003), de uma forma de apreensão da experiência coletiva que ainda não se consolidou em discursos formais, mas que já opera como força social e afetiva.

A estrutura de sentimento é uma hipótese cultural, prática e afetiva: não se refere a sentimentos vagos, mas a significados e valores sentidos com intensidade e vividos em processo. Ela representa uma forma de organização da experiência que ainda não se cristalizou em sistemas formais, mas que já opera como um elemento social real e ativo (Williams, 2003, p. 133).

Em outras palavras, a estrutura de sentimento permite acessar o não-dito, o que circula nos afetos, nas hesitações e nas expressões cotidianas dos sujeitos. Na pesquisa, em questão, isso implica uma escuta atenta às formas como os professores narram suas dores, suas esperanças, suas resistências, isto é, aquilo que, embora não esteja presente nos documentos oficiais da UEA, atravessa com força os processos formativos.

É nessa escuta que se insere também um outro pressuposto trabalhado por Williams (2003), chamado de mediação cultural, não como uma instância intermediária entre sujeito e estrutura, mas como um campo de produção de sentido, onde se articulam experiências históricas, identidades coletivas e disputas simbólicas, nas palavras do autor a:

Mediação é um processo prático e ativo, que não pode ser reduzido a um simples elo entre instâncias. Trata-se de compreender como as formas culturais são produzidas a partir da experiência, da luta e da negociação, em contextos concretos de vida social (Williams, 2003, p. 111).

Nessa acepção o autor nos convida a compreender a mediação como processo ativo, em que os sujeitos interpretam, reinventam e, por vezes, subvertem os significados dominantes. No contexto da formação docente em Manicoré, a mediação aparece quando por exemplo, um professor adapta a teoria recebida a partir de sua própria vivência ribeirinha, ou quando uma educadora indígena tensiona a didática “ocidentalizada” com narrativas do seu povo.

Ao incorporar essas categorias na metodologia, bem como desenvolver no percurso metodológico os pressupostos apontados por Williams (2003), o trabalho analítico ultrapassa a descrição técnica dos procedimentos e se orienta por um compromisso ético e político pautado em compreender como os saberes se produzem, circulam e disputam legitimidade dentro das formações docentes. Mais do que aplicar um

modelo metodológico, trata-se de construir uma postura investigativa que reconhece os sujeitos como produtores de cultura e que busca, na materialidade de suas práticas, as marcas do vivido e as potências do porvir.

Para a execução da proposta metodológica aqui delineada, a qual parte do reconhecimento de que há dimensões da experiência educativa que escapam às formas codificadas de registro e exigem modos sensíveis de aproximação que se pensa no uso do diário de campo reflexivo, que se configura como instrumento privilegiado na escuta do vivido, possibilitando registrar impressões, gestos, silêncios, tensões e afetos que atravessam o cotidiano dos sujeitos e do pesquisador em sua interação com o campo.

Ancorado no pressuposto estrutura de sentimento, conforme formulado por Williams (2003), o diário de campo assume um papel que vai além da função descritiva, ao se tornar um espaço de elaboração e análise do que ainda não está plenamente nomeado, mas que pulsa como intuição coletiva, como atmosfera compartilhada entre educadores, discentes e comunidades envolvidas nos processos formativos. Trata-se, portanto, de captar o que o autor chamou de formas emergentes de sensibilidade e consciência, que antecedem a sistematização conceitual, mas anunciam transformações possíveis nos modos de significar a docência.

Ao registrar o que não se fixa em categorias analíticas rígidas, como os olhares inquietos, as pausas carregadas de sentido, as

narrativas entrecortadas por memórias ancestrais, o diário permitirá perceber o que Williams (2003) chama de “pressentimentos” culturais, permeados por afetos e sentidos que ainda não encontraram expressão institucional, mas que revelam deslocamentos no modo de viver, ensinar e aprender. Assim, o diário não apenas possibilitará documentar a observação, mas permeará a mediação entre o vivido e o interpretado, configurando-se como prática metodológica comprometida com a complexidade dos territórios amazônicos.

Além disso, o uso do diário de campo me desafia como pesquisadora, visto que esse instrumento é também um espaço de autoanálise crítica, no qual irei me debruçar sobre as mediações culturais que atravessam a minha própria prática e que influenciam as interpretações construídas ao longo do processo investigativo.

Dessa maneira, a produção e análise dos registros no diário de campo caminham em diálogo com as entrevistas narrativas e a análise documental, compondo um conjunto metodológico que busca articular os dados empíricos com as categorias teóricas de residual, dominante e emergente. Essa triangulação permite mapear não apenas os conteúdos formais dos currículos e discursos institucionais, mas também as camadas subjetivas, afetivas e simbólicas que informam as práticas pedagógicas. É no entrelaçamento desses diferentes níveis que se pretende reconhecer as estruturas de sentimento em circulação no campo educacional de Manicoré.



Quanto aos procedimentos de campo e análise empírica: escutas, narrativas e documentos em diálogo, a construção do corpus empírico em construção fundamenta-se na escuta comprometida com os sujeitos e contextos que constituem o território amazônico de Manicoré. Os procedimentos de campo foram delineados a partir de uma postura ética e dialógica, guiada por princípios freireanos, nos quais a pesquisa se estabelece como prática de escuta e de presença, não como extração de dados, mas como encontro entre saberes.

Em termos práticos, a pesquisa articula três frentes metodológicas complementares que se articula e são formadas pela análise documental dos cursos de licenciatura da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) ofertados em Manicoré; a realização de entrevistas narrativas com docentes que atuam na formação inicial e continuada; e a produção de um diário de campo reflexivo, elaborado ao longo das incursões investigativas, como instrumento de captação das estruturas de sentimento presentes nas experiências relatadas.

A análise documental incide sobre componentes curriculares, planos de ensino e documentos institucionais (como PPCs e diretrizes pedagógicas da UEA), com o objetivo de identificar se, e de que forma a interculturalidade, a diversidade e os saberes locais são contemplados nas propostas formativas. Essas buscas visam compreender as marcas do conteúdo dominante (WILLIAMS, 2003), materializado em currículos que reproduzem

lógicas homogêneas, alheias às especificidades culturais e territoriais amazônicas.

As entrevistas narrativas constituem o eixo principal de aproximação com as experiências docentes. São concebidas como espaço de elaboração e partilha de memórias, desafios, resistências e invenções pedagógicas que emergem no cotidiano da docência. Inspiradas na perspectiva freireana, essas entrevistas não partem de um roteiro fechado, mas de temas geradores (Freire, 1987), que convidam os sujeitos a refletirem sobre suas trajetórias formativas, suas práticas e os sentidos que atribuem à sua atuação nos cursos de licenciatura.

Essas narrativas serão interpretadas à luz das categorias de cultura residual, dominante e emergente (Williams, 2003), com o intuito de identificar como saberes subalternizados resistem, circulam ou se (re)configuram dentro das formações docentes. Espera-se, assim, captar os movimentos de disputa simbólica e as formas como a interculturalidade crítica, entendida como deslocamento epistêmico e político, conforme Walsh (2012) aparece nas práticas cotidianas, mesmo quando ausente nos discursos oficiais.

O diário de campo reflexivo cumpre a função de sustentar o vínculo entre experiência e análise. Seu uso está alicerçado na proposta metodológica de captar a estrutura de sentimento (Williams, 2003), ou seja, registrar os afetos, tensões, silêncios, gestos e atmosferas que atravessam os encontros investigativos. Ele também acolhe as implicações vivenciadas por mim, enquanto

pesquisadora, funcionando como espaço de autorreflexão e de elaboração das mediações culturais que permeiam o processo de produção do conhecimento.

A análise do material empírico será conduzida por meio de uma abordagem interpretativa crítica, sustentada na triangulação entre os dados das entrevistas, dos documentos e do diário. Essa triangulação não busca comprovar verdades, mas cruzar sentidos, identificar camadas discursivas e simbólicas, e perceber como se constituem ou são negadas as práticas formativas comprometidas com os saberes dos territórios.

A escuta, portanto, assume centralidade como gesto metodológico e político. Escutar, neste trabalho, não significa apenas ouvir, mas reconhecer a existência de outras epistemologias, outros modos de ensinar e aprender, que não cabem nos parâmetros hegemônicos. Como lembra Walsh (2008, p. 25), “a escuta precisa ser ativa, implicada, situada e insurgente, atenta ao não-dito e ao que se cala nos discursos oficiais”.

Através dessa escuta ampliada, espera-se produzir uma leitura crítica e comprometida da formação docente na Amazônia, que vá além das estruturas curriculares e alcance os sentidos vivos, por vezes invisibilizados, que orientam as práticas pedagógicas no chão da floresta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ENTRE TEORIA, PRÁTICA E VIVÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DE UM CAMINHO METODOLÓGICO SITUADO

Este último movimento do artigo busca refletir sobre os principais aprendizados construídos ao longo da disciplina Estudos Metodológicos Instrumentais, articulando-os à prática investigativa em andamento, de modo a reafirmar os compromissos teórico-metodológicos que orientam a pesquisa doutoral em andamento. Assim, encerrar este artigo não significa concluir um percurso, mas sim reconhecer que estamos em travessia.

Por essa razão, a caminhada metodológica aqui apresentada é expressão de um movimento em curso, tecido entre inquietações formadas no chão da sala de aula em Manicoré, nos rios e margens da floresta amazônica, e pelas discussões ocorridas acerca dos percurso metodológico que vem sendo delineado na pesquisa que estou a desenvolver, o qual me desafiou durante a disciplina. Essas inquietações obtiveram respostas quando tive contato com alguns autores presentes no arcabouço teórico da disciplina, tais como: Creswell (2010), Gamboa (1998), Coiro Moraes (2016) e Vianna (2003) que reforçaram o pensar e o agir metodológico que veio desenvolvendo, por apresentarem proposições que se coadunam com os teóricos com os quais trabalho em minha pesquisa.

Dessa maneira, com base nos autores estudados, a construção do percurso metodológico estou a percorrer é, antes de tudo, uma tentativa de dar forma a uma escuta do território, das vozes subalternizadas, daquilo que insiste em sobreviver mesmo quando silenciado. Como educadora que vive e atua em um contexto marcado por desigualdades históricas, racismo epistêmico e

ausência de políticas públicas eficazes, não me é possível pensar o fazer científico como uma prática neutra ou descolada das realidades que nos atravessam. Ao contrário, a metodologia aqui proposta emerge de um compromisso com a transformação, com a valorização dos saberes locais e com a escuta ativa das práticas docentes que resistem e se reinventam na Amazônia.

Nesse processo, o diálogo com autores como Paulo Freire (1987), Catherine Walsh (2008) e Raymond Williams (2003) foi fundamental para sustentar essa perspectiva crítica, situada e insurgente. Com Freire (1987), aprendemos que pesquisar é também um ato educativo, e que não há neutralidade possível quando se trata de escutar os sujeitos e suas histórias. A partir de Walsh (2008), compreendemos que a interculturalidade crítica não se limita a uma coexistência pacífica entre culturas, mas implica deslocamentos, tensões e reconstruções epistemológicas a partir das margens. E com Williams (2003), passamos a enxergar a cultura não como algo elevado e distante, mas como uma prática ordinária, profundamente enraizada nas relações sociais, nos afetos e nas disputas simbólicas cotidianas.

A proposta metodológica construída se ancora nessas bases para afirmar a necessidade de uma escuta atenta, que acolha o residual, interpele o dominante e se abra ao emergente. A incorporação do conceito de estrutura de sentimento permitiu acessar camadas da experiência educativa que escapam à objetividade dos dados e se manifestam nos gestos, nos silêncios, nas hesitações e nos

afetos. Por isso, o uso do diário de campo, em diálogo com as entrevistas narrativas e a análise documental, configura-se como uma estratégia não apenas de coleta de dados, mas de produção compartilhada de sentidos.

É preciso reconhecer que não se trata de um método acabado, mas de um caminhar atento, movido por perguntas mais do que por respostas. O cotidiano da formação docente em Manicoré, como em tantas outras regiões da Amazônia, desafia qualquer tentativa de enquadramento rígido. Os saberes que emergem nas práticas pedagógicas não cabem facilmente nas categorias institucionais. Eles se expressam nas memórias das rezas, nas histórias contadas à beira do rio, nas estratégias improvisadas diante da ausência de recursos, nas alianças tecidas entre professores e comunidades. São essas experiências que este trabalho busca escutar, não para representá-las, mas para com elas construir outras possibilidades de compreensão.

A pesquisa, assim, se apresenta como prática comprometida com a complexidade, com o não dito e com a possibilidade de imaginar outros modos de produzir conhecimento. Ao tomar o território como epistemologia, afirmamos que há saberes que só podem ser acessados com os pés no barro, com o ouvido atento aos modos de vida locais e com a disposição para se deixar afetar pelo campo. A metodologia, nessa perspectiva, não é apenas um caminho técnico, mas uma ética de presença e de implicação com as realidades investigadas.

Concluimos, portanto, que a construção metodológica que vem sendo tecida na pesquisa em curso não é apenas um requisito acadêmico, mas um gesto político e pedagógico. É a tentativa de construir um lugar de fala e de escuta que reconheça os educadores amazônicos como sujeitos epistêmicos, portadores de saberes que resistem e recriam sentidos na docência. É também a reafirmação de que a universidade, quando disposta a dialogar com os territórios, pode ser um espaço potente de reinvenção do conhecimento.

Seguir pesquisando, nesse contexto, é seguir escutando. É saber que o método não se encerra nas páginas escritas, mas pulsa nas experiências vividas, nas relações construídas e nas possibilidades de transformação que elas carregam. É com essa escuta em movimento que este trabalho segue em travessia, comprometido com a produção de uma ciência mais justa, enraizada e coerente com os sonhos que nos movem.

REFERÊNCIAS:

CRESWELL, John W. Método Qualitativo. *In*: CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Arned, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAMBOA, Silvio. **Epistemologia da Pesquisa em Educação**. Campinas: Práxis, 1998.

COIRO MORAES, Ana Luiza. A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas.

Questões Transversais, São Leopoldo, Brasil, v. 4, n. 7, 2016.

VIANNA, Herald. **Pesquisa em educação: a observação**. Brasília: Plano Editora, 2003.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e educação. *In*: **CANAU, Vera Maria (org.). Globalização, educação e interculturalidade**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 95–116.

WALSH, Catherine. Interculturalidade, crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. *In*: **CANAU, Vera Maria (org.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p.25.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Unesp, 2003.